

José Augusto Seabra

POR UMA NOVA RENASCENÇA



temas portugueses

A Liga Patriótica do Norte, liderada no Porto por Antero, e o levantamento republicano do 31 de Janeiro, onde sobressaíam as figuras de Sampaio Bruno e Basílio Teles - dois vultos não apenas políticos mas filosóficos prestigiados, em que os renascentistas se iriam reconhecer - foram a expressão de um momento de consciência crucial. Mesmo se as divergências entre os republicanos portuenses e os dirigentes do Partido Republicano Português a respeito daquela revolta retardaram o curso dos acontecimentos, a verdade é que a Monarquia estava ferida de morte e nem a ditadura de João Franco, em 1907, conseguiria conter a vaga de fundo que levaria à implantação da República em 1910.

Foi precisamente em reacção contra essa ditadura, através de uma aguerrida greve académica, que surgiu na cena político-cultural um punhado de jovens intelectuais do Porto movidos por ideais que, sendo republicanos mas não positivistas, assumiram um pendor libertário, haurido em motivações filosóficas, religiosas e estéticas com raízes ao mesmo tempo nas nossas tradições nacionais, redescobertas pelo Romantismo, e nas correntes de pensamento em ebulição na Europa *fin-de-siècle*, do anarquismo ao cristianismo tolstoiano.

No ambiente literário e cultural decorrente do decadentismo-simbolismo, que no Porto tivera expressão no grupo nefelibata de Raul e Júlio Brandão, bem como na poesia solitariamente crepuscular de António Nobre, e num clima mental marcado pelo pessimismo nacional, repercutido por Manuel Laranjeira e que Unamuno bem retratou ao falar de Portugal como "um povo de suicidas, talvez um povo suicida", era já uma linguagem diferente, no tom e no sentido, fazendo apelo a uma renascença do povo português, a que falava essa geração emergente. Nela se fazia sentir de modo particular a influência de figuras tutelares de referências, como as de Antero e de Guerra Junqueiro, de Sampaio Bruno e de Basílio Teles, cujo prestígio intelectual, cívico e ético se impusera desde o *Ultimatum*. Aglutinado à volta de uma revista lançada no Porto em 1907, a *Nova Silva*, o grupo era constituído por estudantes revolucionários que a greve académica contra o ditador João Franco aproximara - Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Álvaro Pinto -, os quais viriam mais tarde, no rasto da vitória da República em 1910, a fundar a

revista *A Águia*, em 1 de Dezembro do mesmo ano, isto é, simbolicamente, no Dia da Restauração da Independência.

A esse núcleo originário se veio juntar, quase naturalmente, o poeta Teixeira de Pascoaes, cuja mitografia saudosista ganhava então expressão relevante e haveria de tornar-se a figura carismática por excelência da "Renascença Portuguesa", fundada em 1912 por iniciativa de Jaime Cortesão, enquanto associação cultural - uma espécie de "Maçonaria de artistas e intelectuais", dizia ele - que adoptou como órgão a revista *A Águia*, na sua segunda série.

O ascendente já firmado de Teixeira de Pascoaes iria, entretanto, impô-lo não apenas como director da revista mas como principal mentor espiritual do movimento, coadjuvado por Cortesão e Leonardo e com a preciosa ajuda do talento organizativo de Álvaro Pinto. Isso mesmo se as resistências do chamado "Grupo de Lisboa", em que pontuavam Raul Proença e António Sérgio, lhe opuseram reservas, através de um projecto de manifesto de tonalidade e cepa doutrinária racionalista. O Saudosismo pascoaliano, tal como o poeta o visionara na sua conferência de 1912 sobre *O Espírito Lusitano e o Saudosismo*, prevaleceu porém como "sentimento-ideia" matriz da "Renascença Portuguesa". Nele convergia a assunção mitopoética da Saudade, erigida por Pascoaes "à altura duma Religião, duma Filosofia e duma - Política", sendo emblematicamente catalisadora das energias espirituais adormecidas da Pátria. Como venceu Jaime Cortesão, num artigo de 1912 n'*A Águia* acerca da "Renascença Portuguesa e seus Intuitos", a Saudade, tal como Pascoaes e os renascentistas a concebem, "perde o seu significado banal", deixando de ser um "sentimento mórbido e regressivo" para passar a ser o "espírito lusitano criador", de que também o "Criacionismo" de Leonardo Coimbra era segundo ele a expressão, enquanto "Filosofia da Liberdade", título aliás de uma sua conferência do mesmo ano de 1912 no Porto. Os três elementos nucleares da "Renascença Portuguesa" coincidem, pois, nesta identificação com a projecção na "Saudade" da "inconfundível fisionomia espiritual" do povo português, como escreve Cortesão.

O futuro historiador invoca Oliveira Martins - que, como ironiza, sendo já falecido, não era sócio da "Renascença Portuguesa"! - para fundamentar a fusão ao Saudosismo do "paganismo espiritualista" e do "misticismo naturalista" cristão, o que correspondia a uma característica própria do "génio popular português". E abona-se outrossim no célebre historiador das religiões, Édouard Schuré, que Pascoaes gostava igualmente de citar, para vincar que a síntese do paganismo e do cristianismo, que no Saudosismo simbioticamente se fundiu, "realiza uma aspiração da Humanidade e está à frente de um grande movimento moderno", como ele escreve.

A dimensão religiosa foi, de facto, uma das polarizações dominantes da "Renascença Portuguesa", entrelaçada com a poética e a filosófica, tendo expressões diversificadas em pensadores como Teixeira Rego, com a sua *Nova Teoria do Sacrifício*, ou Aarão de Lacerda, autor de um estudo importante sobre *O Fenómeno Religioso e a Simbólica*, além de fundador da revista *Dyonisos*. E em muitos poetas publicados n'*A Águia* lateja, com modulações múltiplas, uma religiosidade difusa, que oscila entre os dois pólos do paganismo e do cristianismo, eivada daquele "panteísmo transcendentista" com que a caracterizou Pessoa. Por isso Pascoaes, referindo-se por exemplo a Afonso Lopes Vieira e a António Correia de Oliveira, ligados ao chamado "lusitanismo", diz que "estes e mais alguns poetas formam a primeira escola autenticamente portuguesa; essencial, religiosamente portuguesa". A mesma conotação lhe merecem poetas como Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, Afonso Duarte, Mário Beirão, Fernando Pessoa, quanto a ele, nos seus artigos incluídos em *A Nova Poesia Portuguesa*, a partir de uma análise fingidamente "sociológica" e "psicológica", chega à conclusão de que ela é uma "poesia religiosa", sendo essa religiosidade porém, como vinca, sublinhando-o, "uma religiosidade nova, que não se parece com a de qualquer religião, antiga ou moderna", contrastando nisso com o simbolismo que "não tem religiosidade própria", porque "a que tem é católica ou quase católica".

José Augusto Seabra, *Por uma Nova Renascença*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006, pp. 18-21.